

### A mortalidade por VIH/SIDA em Portugal: alterações da estrutura etária

**Autora:** Maria dos Anjos Leitão de Campos

Instituto Nacional de Estatística / Departamento de Estatísticas Sociais

Email: manjos.campos@ine.pt

#### **Resumo:**

O objectivo deste estudo é encontrar alterações na estrutura etária da mortalidade por VIH/SIDA ao longo do período 1988-2003, em Portugal.

Com base nas estatísticas oficiais de óbitos ocorridos por esta causa, procurou-se analisar em termos evolutivos os dados desagregados segundo o sexo e por grupos etários salientando características imutáveis ao longo do período, tal como a sobremortalidade masculina, e outras que se alteram com o passar do tempo, como por exemplo, as idades de maior frequência de mortalidade por VIH/SIDA.

**Palavras Chave:** Óbitos por VIH/SIDA, taxas de mortalidade, idade média, idade mediana.

#### **Abstract**

The aim of this study is to evaluate the changes in the age structure of mortality caused by HIV/AIDS over the period 1988-2004, in Portugal.

Based on the official statistics we try to analyse the trends of disaggregated data by sex and age. The immutable characteristics, such as over mortality of males and others that changed over time, e.g., the ages with the highest frequency of deaths due to HIV are highlighted.

**Key words:** Deaths by HIV/AIDS, mortality rates, mean age, median age.

**The mortality by HIV/AIDS in Portugal: changes in structure age**



Algumas causas de morte assumem grande importância na mortalidade da população, pelo seu impacto em termos numéricos, constituindo o grupo das principais causas de morte. A causa “Doenças pelo vírus da imunodeficiência humana (VIH)”, apesar de não fazer parte deste conjunto, não deixa, no entanto, de ter a sua importância relativa, quer pelas suas características específicas, quer pela evolução que apresenta ao longo do tempo.

O presente trabalho tem como objectivo uma breve análise sobre as idades dos indivíduos que faleceram por VIH/SIDA, em Portugal, analisando a evolução das estruturas etárias ao longo do tempo e assenta na informação recolhida pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). O âmbito geográfico restringe-se apenas a Portugal e o período considerado compreende os anos de 1988 a 2003.

Apesar da importância destes dados ser inquestionável, na medida em que permitem determinar tendências e captar características que muitas vezes se mantêm invariáveis ao longo de determinado período do tempo, a interpretação dos resultados deve ser cuidadosa pois os valores em questão são bastante reduzidos, podendo inviabilizar uma análise mais rigorosa dos números.

## **A mortalidade por VIH/SIDA**

Desde 1988 que o INE dispõe de informação sobre o número de óbitos causados por infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (VIH/SIDA). A base de dados é ainda constituída por um conjunto de informação que permite uma caracterização demográfica e social dos indivíduos falecidos por esta causa de morte, bem como a desagregação de todas as variáveis a nível regional.

A recolha desta informação faz-se a partir do verbete para óbito preenchido nas Conservatórias do Registo Civil com base na certidão de óbito passada pelo médico que o atesta.

Durante a vigência em Portugal da 9.<sup>a</sup> revisão (1975) da Classificação Internacional de Doenças (CID-9), da Organização Mundial da Saúde (OMS), no período 1988-2001, as causas de morte por VIH/SIDA foram codificadas no intervalo 042.0-044.9 da lista detalhada a quatro algarismos, correspondendo ao código 57 da lista básica para tabulação. A partir de 2002, inclusive, com entrada em vigor no nosso país da 10.<sup>a</sup> revisão da Classificação, essas causas de morte passaram a ser codificadas no intervalo B20.0-B24.9 da lista tabular de inclusões e subcategorias de quatro caracteres da CID-10.

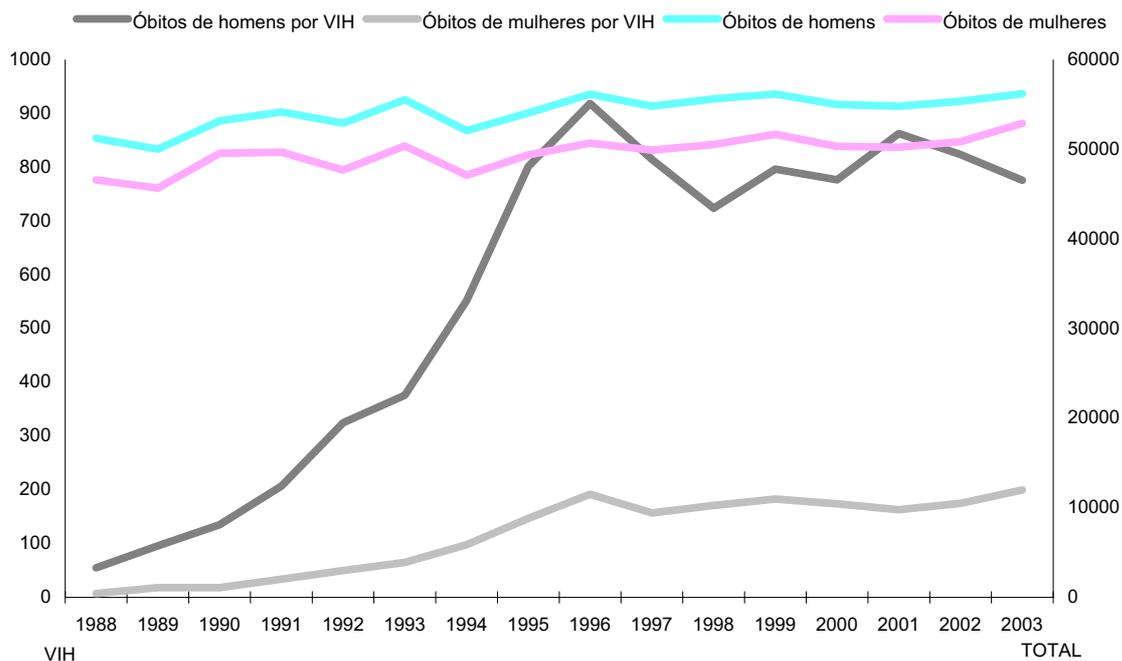
### **Tendência de crescimento exponencial dos óbitos por VIH/SIDA interrompida em 1996**

Em Portugal, assiste-se a uma tendência de crescimento acentuado no número de óbitos por VIH/, entre 1988 e 1996, apresentando nos anos posteriores algumas oscilações, não atingindo, contudo, os valores máximos verificados em 1996.

Depois de, em 1996 e 2001, o número total de óbitos causados por VIH/SIDA ter ultrapassado o milhar, no ano 2003, recuou-se para os 976 óbitos, dos quais 776 casos (79,5%) se referem a óbitos de homens.

Figura 1

## Evolução do número total de óbitos e dos óbitos por VIH/SIDA (1988 – 2003)



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

Enquanto o número de óbitos anuais registados no período 1988-1996 apresenta elevadas variações anuais positivas, chegando a atingir os 84%, nos anos posteriores a 1996 as variações foram reduzidas, e nos anos mais recentes estas variações foram negativas, com diminuições bruscas no número de óbitos.

Em 1996, a trajectória de crescimento exponencial foi interrompida, verificando-se nos últimos anos do período uma maior estabilidade no número de óbitos, apresentando nos dois últimos anos do período uma ligeira diminuição nos óbitos por VIH/SIDA de homens, não observada nos óbitos de mulheres, onde, pelo contrário, se constata uma ligeira subida na mortalidade por esta causa de morte.

Comparando a evolução dos óbitos por VIH/SIDA ao longo do período com a do total de óbitos por todas as causas, constata-se que não existe correlação, ou seja, as variações são totalmente independentes.

Quadro 1

Evolução dos óbitos por VIH/SIDA e da relação de masculinidade (1988-2003)							
Anos	Total		Homens		Mulheres		Relação de masculinidade
	N.º	Variação anual (%)	N.º	Variação anual (%)	N.º	Variação anual (%)	
1988	62	-	55	-	7	-	786
1989	114	83,9	96	74,5	18	157,1	533
1990	153	34,2	135	40,6	18	0,0	750
1991	241	57,5	207	53,3	34	88,9	609
1992	375	55,6	325	57,0	50	47,1	650
1993	441	17,6	376	15,7	65	30,0	578
1994	650	47,4	552	46,8	98	50,8	563
1995	949	46,0	802	45,3	147	50,0	546
1996	1 111	17,1	919	14,6	192	30,6	479
1997	972	-12,5	815	-11,3	157	-18,2	519
1998	895	-7,9	724	-11,2	171	8,9	423
1999	980	9,5	797	10,1	183	7,0	436
2000	951	-3,0	777	-2,5	174	-4,9	447
2001	1 026	7,9	863	11,1	163	-6,3	529
2002	999	-2,6	824	-4,5	175	7,4	471
2003	976	-2,3	776	-5,8	200	14,3	388

Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

### Decréscimo sucessivo na relação de masculinidade

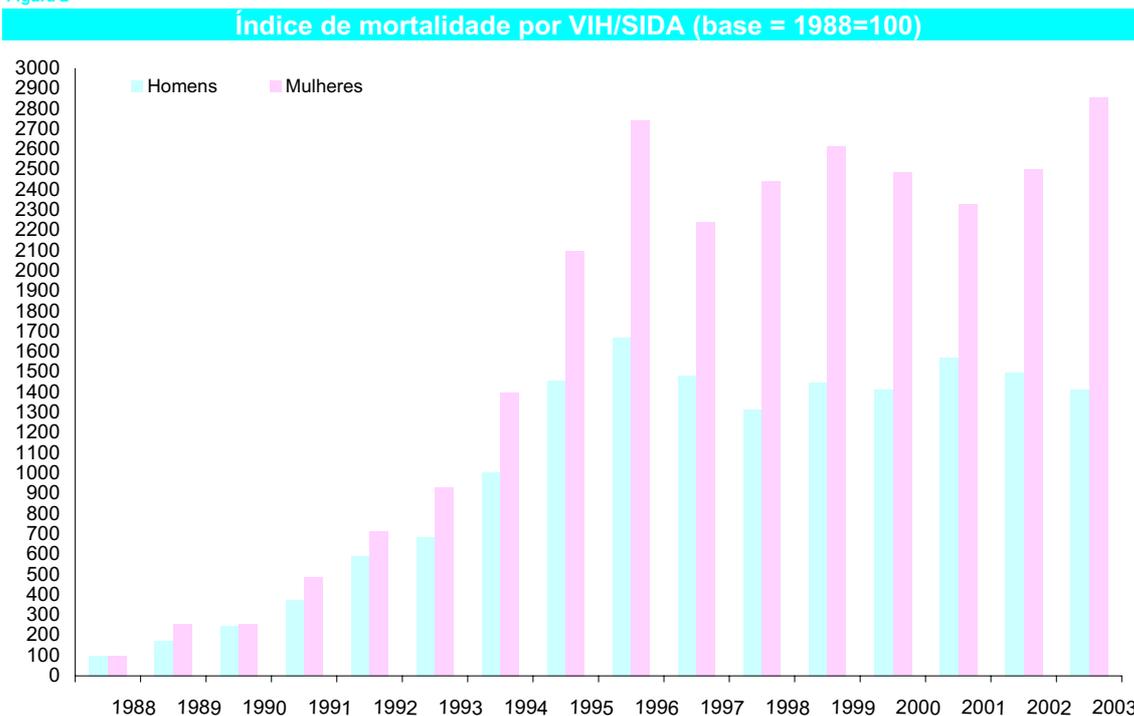
A relação de masculinidade (quociente entre o número de óbitos de homens e óbitos de mulheres x 100) observada nesta causa de morte assume valores mais elevados nos primeiros anos do período, ou seja, entre 1988 e 1992, apresentando posteriormente valores cada vez mais baixos, tendo atingido, em 2003, o valor mínimo de 388 óbitos de homens para cada 100 óbitos de mulheres. A tendência decrescente deste indicador revela um aumento progressivo da mortalidade por VIH/SIDA nas mulheres, observando-se, em 2003, uma redução para metade da relação de masculinidade relativamente ao início do período em análise.

### Aumento na mortalidade por VIH/SIDA nas mulheres

Para analisar a evolução deste tipo de óbitos construiu-se ainda um índice de mortalidade por VIH/SIDA, segundo o sexo (quociente entre o número de óbitos ocorridos em cada ano e o número de óbitos observado no ano base x 100), neste caso com base no primeiro ano de registo de óbitos (1988). Constata-se a particularidade de o índice de mortalidade registar consecutivamente valores superiores para as mulheres e afastar-se continuamente do índice de mortalidade dos homens.

O índice de mortalidade atinge o valor máximo mais cedo nos homens, em 1996, enquanto nas mulheres só o alcança em 2003. Neste ano, o índice de mortalidade foi 29 vezes mais elevado do que o do ano base nas mulheres e 14 vezes superior nos homens.

Figura 2



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

### Importância crescente da mortalidade por VIH/SIDA

Torna-se pois essencial verificar a importância que os óbitos por VIH/SIDA assumem no total de óbitos ocorridos no País, em cada ano do período considerado, tanto para os homens como nas mulheres. Por outro lado, interessa saber se a importância dos óbitos por VIH/SIDA tem vindo a acentuar-se ou a perder terreno no panorama da mortalidade geral.

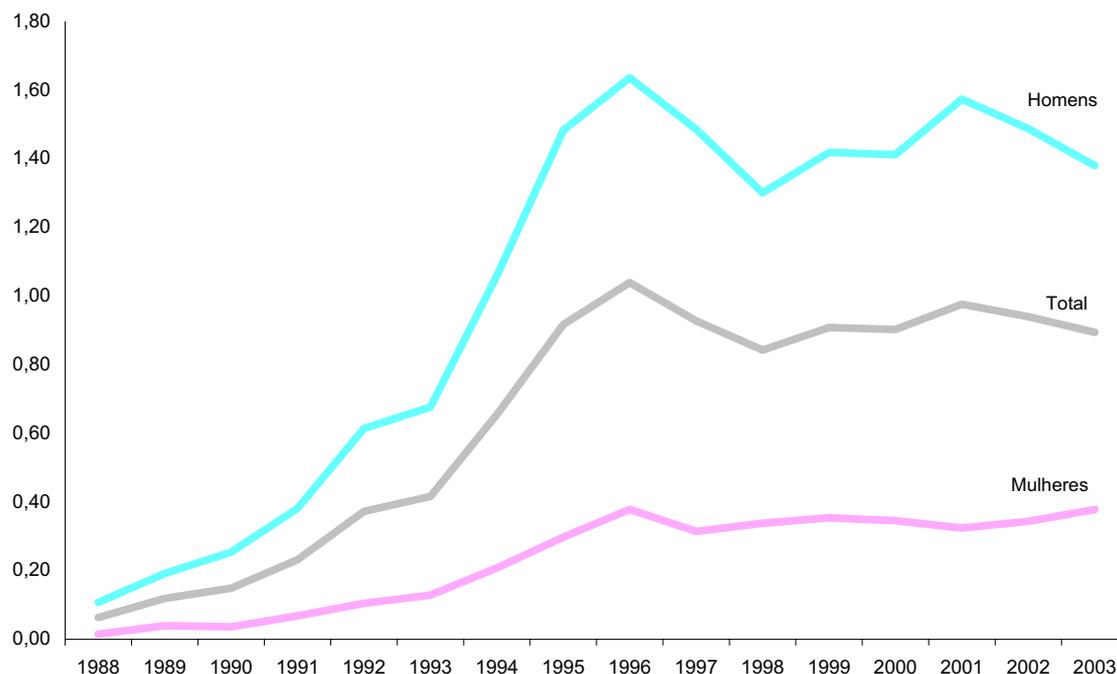
As percentagens de óbitos por VIH/SIDA verificaram inicialmente valores bastante reduzidos, em 1988, mas já indicando uma diferença substancial entre homens e mulheres, correspondendo nesse ano a 0,06% do total de óbitos (0,11% nos homens e apenas 0,02% nas mulheres).

Ao longo do período assiste-se ao aumento gradual da importância deste tipo de óbitos, atingindo, em 1996, a proporção mais elevada, 1,04% do total de óbitos (1,64% nos homens e 0,38% nas mulheres). Em 2003, a importância reduziu-se para 0,89% (1,38% nos homens e 0,38% nas mulheres, valor este idêntico ao observado em 1996).

A evolução deste indicador, quer para os homens quer para as mulheres, apresenta inicialmente um crescimento progressivo, entre 1988 e 1996, denotando nos anos posteriores algumas oscilações, mas, em termos gerais, os óbitos por VIH/SIDA revelam alguma estabilidade nos últimos anos. A superioridade relativa a este tipo de óbitos nos homens está presente em todo o período.

Figura 3

## Evolução percentual dos óbitos por VIH/SIDA, Portugal (1988-2003)



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

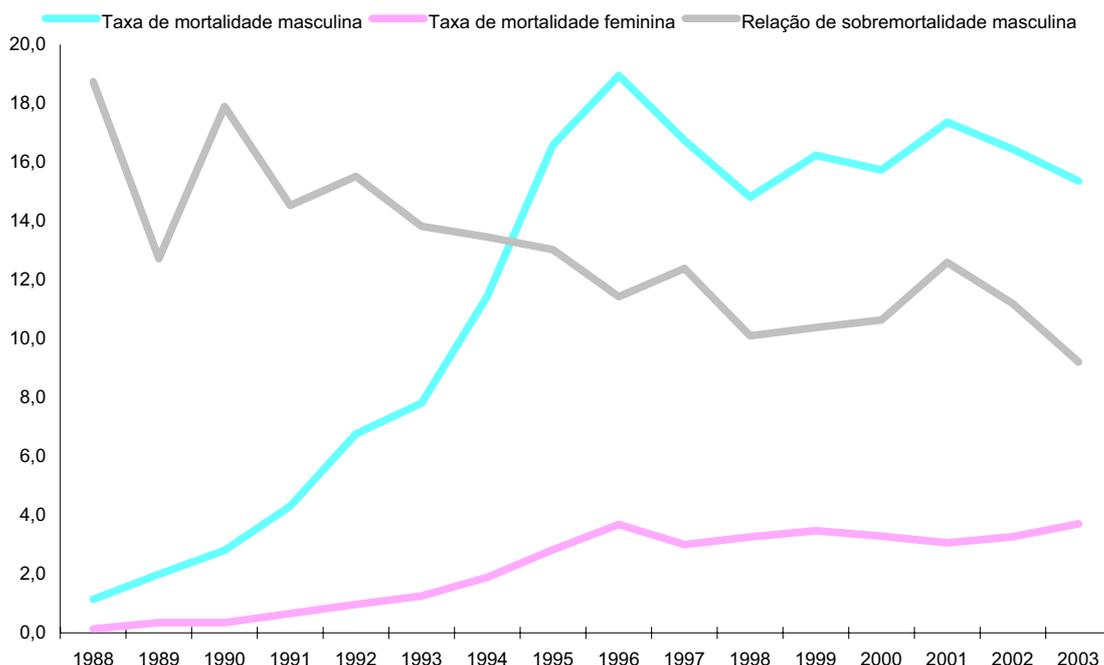
### Taxas de mortalidade superiores nos homens

As taxas de mortalidade (quociente entre o número de óbitos ocorridos num determinado número de anos e a população média do mesmo ano, por 100 000 habitantes) por VIH/SIDA apresentam valores bastante diferenciados nos homens e nas mulheres, sendo as taxas substancialmente superiores nos homens, em todo o período aqui considerado.

Essas taxas apresentam ainda uma tendência de crescimento contínuo nos primeiros anos, atingindo o valor máximo em 1996, sendo de 11,0 óbitos (19,0 óbitos de homens e 3,7 óbitos de mulheres) por cada 100 000 habitantes. Nos anos posteriores, as taxas estabilizaram em torno de cerca de 9 óbitos por cada 100 000 habitantes (cerca de 16 óbitos nos homens e de 3 nas mulheres). Em 2003, as taxas de mortalidade foram mais baixas do que em 1996, (9,3 para ambos os sexos, 15,4 para os homens e 3,7 para as mulheres) à excepção da taxa relativa às mulheres, a qual se manteve muito semelhante à de 1996.

Figura 4

### Evolução das taxas de mortalidade por VIH/SIDA (por 100 000 habitantes) e relação de sobremortalidade masculina, Portugal, 1988-2003



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

A relação de sobremortalidade (quociente entre a taxa de mortalidade masculina e a taxa de mortalidade feminina x 100) apresenta valores que mostram a superioridade na mortalidade masculina por VIH/SIDA, no entanto, esta supremacia tem vindo a atenuar-se ao longo do período. A tendência é nitidamente no sentido de decréscimo gradual, em que o valor mais elevado ocorreu em 1988, com 844 mortes de homens por esta causa por cada 100 mulheres, reduzindo-se para metade em 2003, ou seja, para 414 óbitos masculinos em cada 100 óbitos femininos, mostrando assim a importância crescente da mortalidade feminina.

#### Maioria dos indivíduos falecidos com VIH/SIDA tinha entre 25 e 44 anos

Entre 1988 e 2003, as distribuições etárias anuais dos indivíduos que faleceram por HIV/SIDA apresentam duas características comuns: maior expressividade nos óbitos a partir dos 20 anos e frequências mais elevadas nos grupos etários entre os 25 e os 44 anos. A evolução ao longo do tempo mostra uma alteração nas estruturas etárias, ou seja, assiste-se a uma perda de importância nos óbitos com idades compreendidas entre os 20 e os 44 anos (com exceção do grupo dos 30 a 34 anos), assumindo cada vez mais importância os óbitos nas idades mais elevadas, principalmente acima dos 55 anos, destacando a importância crescente da mortalidade por HIV/SIDA nos indivíduos com idades compreendidas entre os 60 e os 69 anos. Acrescenta-se ainda que se, nos primeiros anos do período 1988-2003, não existiu nenhum registo de óbitos com idades superiores a 70 anos, nos anos mais recentes, torna-se cada vez mais frequente ocorrerem óbitos de indivíduos com idades bastante elevadas.

Em 1988, entre os jovens com idades compreendidas entre os 0 e os 19 anos, os óbitos foram nulos ou bastante reduzidos; no entanto, nos jovens adultos com idades entre os 20 e os 24 anos, a ocorrência de óbitos por HIV/SIDA já é mais expressiva do que nos grupos etários anteriores, representando cerca de 5% do total de óbitos ocorridos nesse ano. Até 1995, este valor aumentou para cerca de 11% do total de óbitos, mas, nos últimos anos, verificou-se uma tendência contrária, correspondendo, em 2003, apenas a 2,5% dos óbitos totais.

Ao longo do período em análise, constata-se que a maior frequência de óbitos por HIV/SIDA ocorre em indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos; contudo, neste conjunto de grupos etários, alguns grupos apresentam tendências contrárias ao longo do período. No grupo etário dos 25 aos 29 anos, este tipo de óbitos, em 1988, representava cerca de 16% dos óbitos totais, baixando para cerca de 12%, em 2003. O grupo etário dos 30 aos 34 anos apresenta uma tendência contrária à do grupo anterior, registando, em 1988, cerca de 16%

do total desses óbitos, passando para cerca de 20%, em 2003. O grupo etário dos 35 aos 39 anos revela uma tendência de diminuição nos valores percentuais, decrescendo de cerca de 27 %, em 1988, para cerca de 19%, em 2003.

No grupo etário dos 40 aos 44 anos, é visível o aumento do peso dos óbitos por HIV/SIDA, evoluindo de cerca de 10%, em 1988, para 16%, em 2003.

Um aspecto relevante a reter é o do aumento deste tipo de óbitos nas idades mais avançadas ao longo do período 1988-2003, pelo que se verifica que, em todos os grupos etários posteriores ao dos 45 aos 49 anos, aumenta a importância relativa destes óbitos, principalmente nas idades acima dos 65 anos.

Quadro 2

Evolução percentual dos óbitos por HIV/SIDA nos grupos etários de maior frequência (1988-2003)				
	25-29 anos	30-34 anos	35-39 anos	40-44 anos
1988	16,1	16,1	27,4	
1989	9,6	16,7	15,8	
1990	13,7	17,6	18,3	
1991	15,8	21,6	11,2	
1992	4,3	17,1	21,1	
1993	21,3	18,1	15,2	
1994	18,5	22,5	14,6	
1995	23,4	19,6	16,0	
1996	21,5	22,9	16,7	
1997	20,5	25,1	17,9	
1998	21,7	24,8	17,1	
1999	20,8	23,4	17,0	
2000	17,2	22,1	18,8	
2001	17,4	19,7	18,8	
2002	12,1	19,8	20,2	
2003	12,0	20,2	18,9	

Fonte: INE, Estatísticas da Saúde.

Nos grupos etários acima dos 55 anos, verifica-se um aumento de importância nos óbitos por HIV/SIDA, destacando-se em particular os grupos dos 60 aos 64 anos – onde, em 1988, os óbitos por esta causa de morte representavam 1,6% do total, passando para 1,4%, em 2003 – e dos 70 aos 74 anos – que, embora em 1988 não tivesse qualquer registo de ocorrência, em 2003 já representava 2,6% dos óbitos verificados por esta causa.

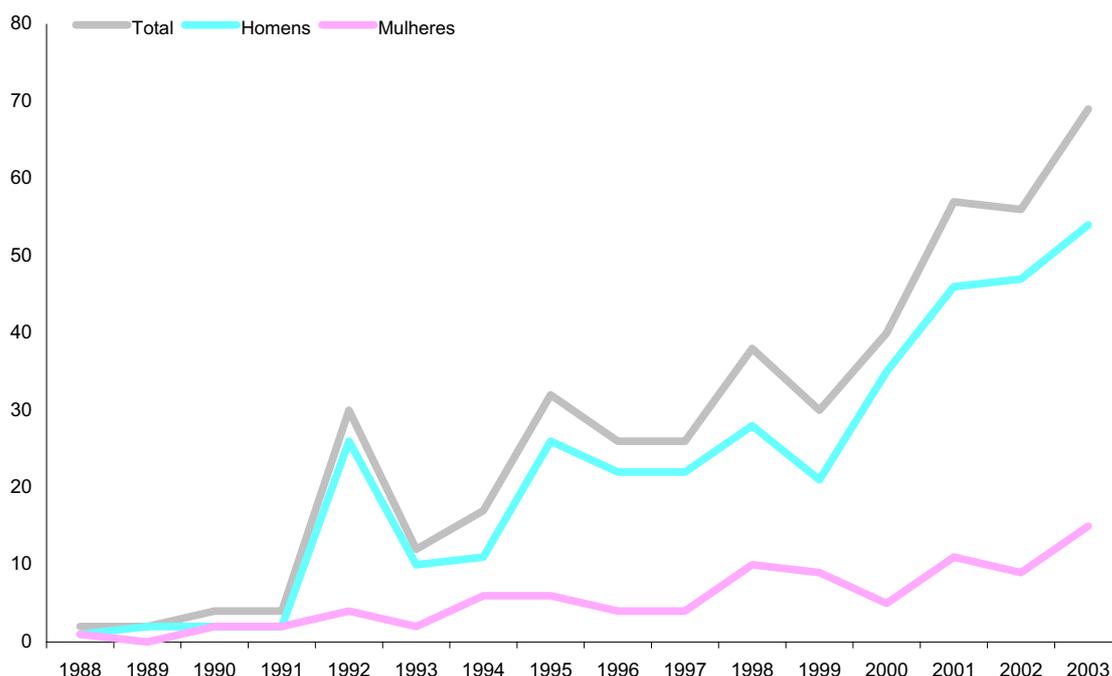
Desagregando os dados segundo o sexo, obtêm-se conclusões semelhantes, ou seja, a maior frequência de óbitos por HIV/SIDA, tanto nos homens como nas mulheres, ocorre nas idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos. Ao longo de todo o período, o peso dos óbitos tem vindo a diminuir neste conjunto de grupos etários, (excepto no dos 30 aos 34 anos).

#### Aumento da mortalidade por VIH/SIDA nos idosos

Nos anos mais recentes é cada vez maior a frequência de óbitos por VIH/SIDA em idades mais elevadas, sobretudo a partir dos 55 anos e em particular na população idosa, ou seja, nos indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos. A tendência de crescimento progressivo está presente tanto nos óbitos de idosos do sexo masculino como do sexo feminino, contudo o número de óbitos nos homens idosos é substancialmente superior ao das mulheres com esta idade. Nos primeiros anos de registo desta causa de morte o número de óbitos era muito semelhante entre ambos os sexos, contudo, ao longo do período esta situação não se manteve, surgindo um crescimento acentuado no número de óbitos de homens idosos, pelo que nos últimos três anos este número triplicou relativamente ao das mulheres.

Figura 5

### Número de óbitos por VIH/SIDA com mais de 65 anos, por sexo, Portugal, 1988-2003



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

Passa-se seguidamente à análise do peso dos óbitos por VIH/SIDA dos idosos relativamente ao total dos óbitos por essa causa.

Em 1988 a frequência de óbitos com 65 e mais anos era bastante reduzida, correspondendo a 3,2% do total de óbitos com VIH/SIDA, mas, a partir de 1992 aumenta significativamente, pelo que, até 2003, estes óbitos mais que duplicam, representando, 7,1% do total de óbitos. Neste mesmo ano, a percentagem de homens idosos que faleceram por HIV/SIDA foi de 1,8%, valor este que subiu para 7,0% em 2003. Com exceção dos anos de 1988, 1989 e 1990, a percentagem de óbitos por esta causa nas mulheres idosas foi superior à dos homens, nos restantes anos do período, pelo que em 2003 representavam 7,5% dos óbitos totais por HIV/SIDA, o que indica a importância crescente na morte por HIV/SIDA das mulheres com 65 ou mais anos.

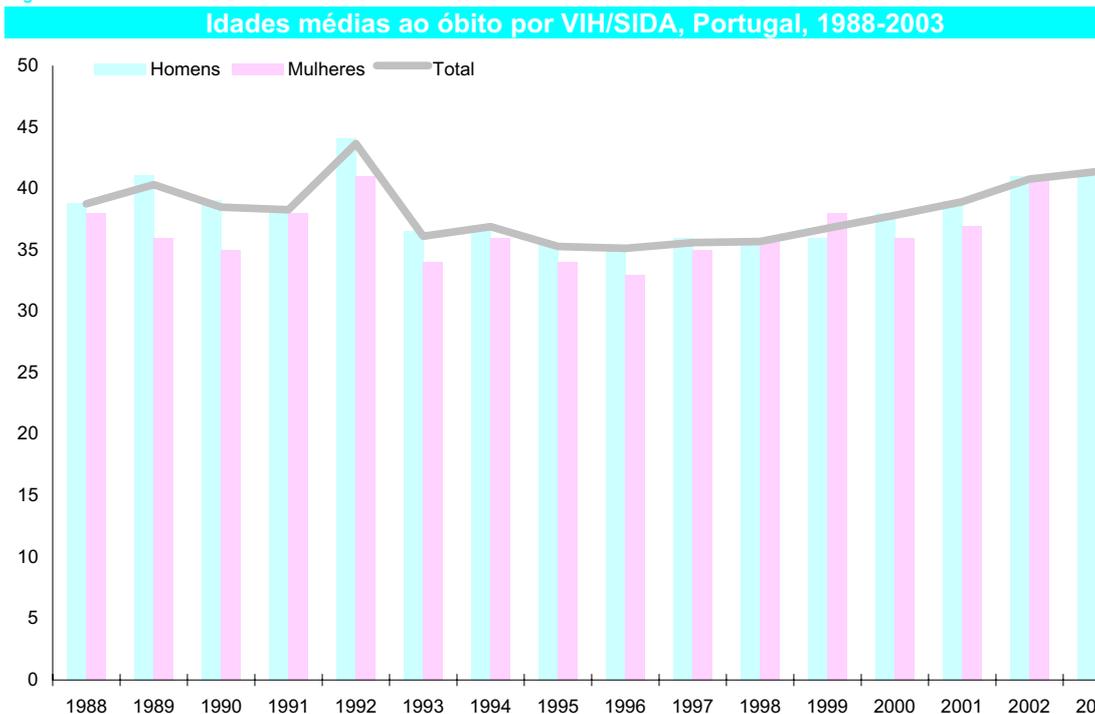
Enquanto no início do período a frequência de óbitos por VIH/SIDA de indivíduos com mais de 70 anos era nula ou bastante reduzida, constituindo apenas 1,6% do total deste tipo de óbitos, nos últimos anos verificou-se um acréscimo significativo, correspondendo a 4,7% do total deste tipo de óbitos.

#### Aumento nas idades médias e medianas ao óbito

Para cada ano do período 1988-2003 foram calculadas as idades médias e medianas dos indivíduos que faleceram por VIH/SIDA. No início do período, o número de óbitos era reduzido, principalmente procedendo à desagregação dos mesmos segundo o sexo e os grupos etários. A média revela ser, nesta situação, uma medida estatística muito sensível aos valores extremos, pelo que a sua interpretação deve ser mais cuidadosa, não deixando, entretanto, de ser aqui apresentada.

A idade média ao óbito por VIH/SIDA foi de 39 em 1988, para posteriormente baixarem para 35 e 36 anos, revelando nos últimos anos uma tendência de crescimento, sendo, em 2003, de 41 anos (41 anos nos homens e 42 anos nas mulheres). Ao longo de todo o período, as idades médias no homem são sempre superiores às das mulheres.

Figura 6

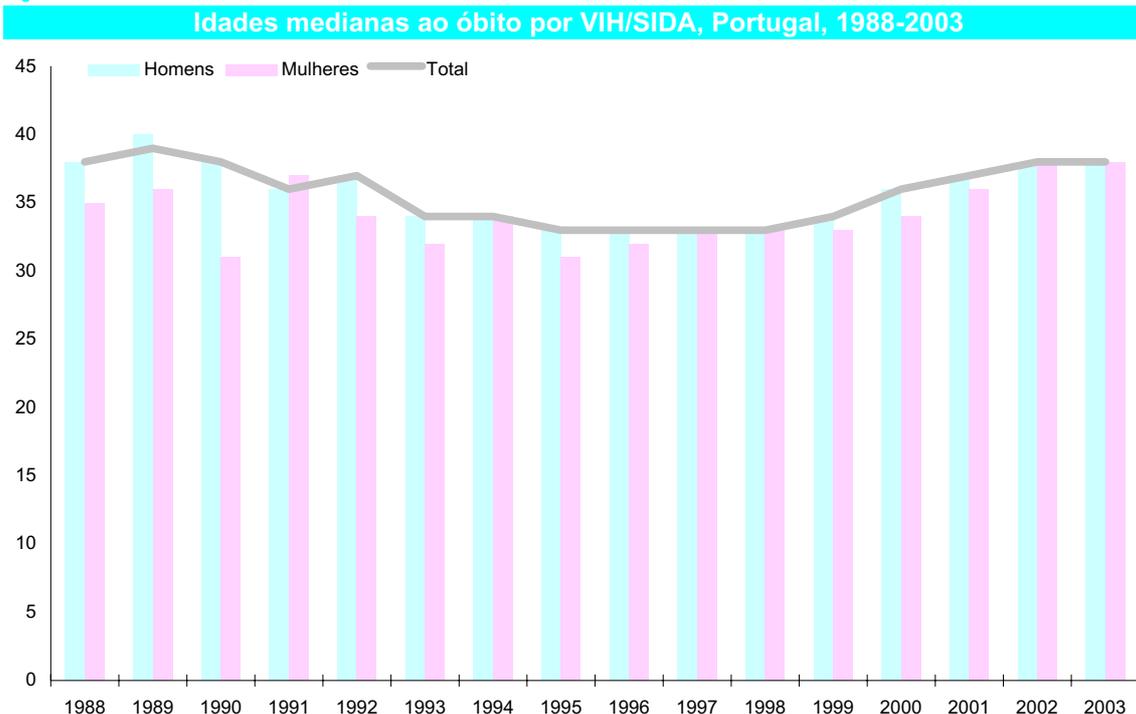


Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

A idade mediana constitui uma medida estatística mais robusta no presente caso. Por se tratar de distribuições etárias anuais assimétricas, as idades médias e medianas ao óbito por VIH/SIDA foram sempre diferentes ao longo do período, apresentando as idades médias uma ligeira superioridade.

Em 1988, a idade mediana ao óbito por VIH/SIDA situava-se nos 38 anos (38 anos nos homens e 35 anos nas mulheres). Nos anos seguintes a 1992, assiste-se a uma diminuição nas idades medianas, mas recentemente constatou-se uma ligeira subida neste indicador, situando-se, em 2003, de 38 anos (valor igual nos homens e nas mulheres).

Figura 7



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

### Taxas de mortalidade por VIH/SIDA nos idosos com tendência crescente

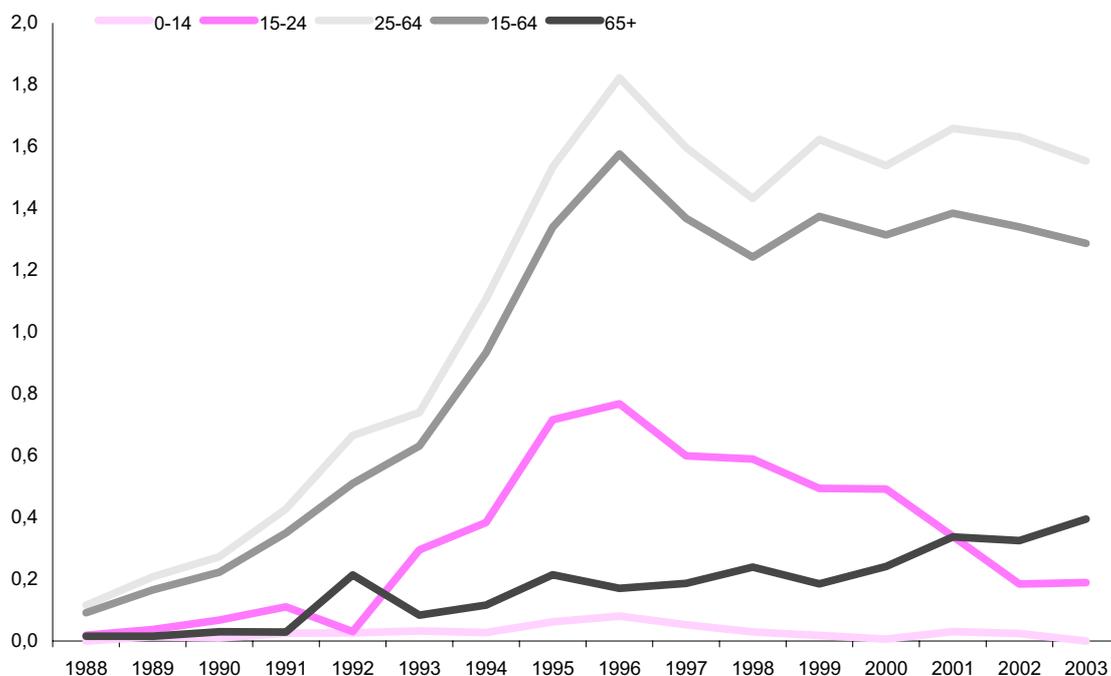
Para melhor conhecimento do impacto da mortalidade por VIH/SIDA na estrutura da população portuguesa, construíram-se taxas de mortalidade por grandes grupos etários, por forma a distinguirem-se várias faixas da população: a população jovem dos 0 aos 14 anos, os jovens adultos com 15 a 24 anos, a população em idade activa com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos, a população com 25 a 64 anos – que constitui uma faixa importante, pelo facto de incluir os jovens adultos com idades a partir dos 25 anos, que, em termos gerais, indica a idade de entrada no mercado de trabalho – e, por fim, os idosos com 65 e mais anos.

Ao longo do período em análise, pode verificar-se que, após a subida exponencial da mortalidade por esta causa (até 1996), as taxas de mortalidade baixaram, com excepção da taxa referente aos 65 e mais anos. A redução das taxas foi bastante visível nos jovens adultos com 15 a 24 anos, sendo também de realçar a diminuição das taxas de mortalidade na população em idade activa.

A mortalidade por VIH/SIDA nos idosos apresenta um aumento continuado, principalmente desde 1993, acelerando o ritmo a partir de 2000. Em 1988, esta taxa situava-se nos 0,02 óbitos por 100 000 habitantes, passando para 0,39, em 2003.

Figura 8

#### Evolução das taxas de mortalidade por HIV/SIDA (por 100 000 habitantes), por grandes grupos etários, Portugal, 1988-2003



Fonte: INE, Estatísticas da Saúde

### Conclusão

Após uma tendência de crescimento de óbitos por VIH/SIDA até 1996, nos anos mais recentes verifica-se uma estabilização na mortalidade por VIH/SIDA, acompanhada por um ligeiro crescimento de óbitos de mulheres.

No período em análise constata-se algumas alterações nas estruturas etárias na mortalidade por esta causa, com aumento das idades médias e medianas ao óbito por VIH/SIDA. Por outro lado, assiste-se a uma ligeira perda de importância dos óbitos por VIH/SIDA nas classes de idade mais frequentes – dos 25 aos 44 anos – e uma relevância crescente desses óbitos em classes de idade mais elevadas, acima dos 55 anos, e em particular nos indivíduos com mais de 65 anos.

As taxas de mortalidade por VIH/SIDA na população idosa apresentam uma tendência de crescimento gradual, pelo que, pelos factos apresentados, se pode concluir que cada vez se morre mais tarde com VIH/SIDA.